

# **Estratégia de leitura para o 1º Ano do Ensino Fundamental por meio do Livro Didático Itororó Português: Manual do Professor**

**Gabriela Alves da Silva<sup>1</sup>**  
**Luciene Pereira da Silva Gonçalves<sup>2</sup>**

## **Resumo**

O presente trabalho se trata de um artigo científico, com a finalidade de apresentar uma análise acerca do Livro Didático Itororó Português do 1º Ano do Ensino Fundamental – Manual do Professor, a respeito das estratégias de leitura que podem ser utilizadas com os alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Nesse sentido, serão apresentados alguns conceitos referentes à leitura no que diz respeito à sua importância para o desenvolvimento da criança. Sobre as contribuições da leitura para o desenvolvimento da linguagem e a formação da criança, enfatizamos que a leitura deve fazer parte da vida desde a infância e, assim, destacamos o papel do professor no ensino da leitura, especialmente, por meio da literatura. Para tanto, a prática do professor deve ter como objetivo o desenvolvimento da leitura na vida do aluno como um processo de desenvolvimento. A análise da obra procura revelar as suas características visando o incentivo à leitura e, conseqüentemente, procurando despertar do aluno para o prazer pela leitura.

## **Abstrat**

The present work is a scientific article, with the purpose of presenting an analysis about the Itororó Portuguese Didactic Book of the 1st Year of Elementary School - Teacher's Manual, regarding the reading strategies that can be used with students from the early years of the Elementary School. In this sense, some concepts related to reading will be presented with regard to its importance for the child's development. Regarding the contributions of reading to the development of language and the formation of the child, we emphasize that reading should be part of life since childhood and, thus, we highlight the role of the teacher in teaching reading, especially through literature. Therefore, the teacher's practice should aim at the development of reading in the student's life as a development process. The analysis of the work seeks to reveal its characteristics aiming at encouraging reading and, consequently, seeking to awaken the student to the pleasure of reading.

## **INTRODUÇÃO**

Este trabalho consiste na hipótese de que o apreço pela leitura se dá somente por meio do desenvolvimento da sua prática. Dessa forma, o incentivo para a participação em atividades que propiciem a prática da leitura a partir do uso de literaturas pode tornar o processo de ensino e aprendizagem mais prazeroso para a criança. Dessa forma, o nosso objetivo é compreender como

---

<sup>1</sup> Graduanda em Pedagogia EPT pela Universidade Aberta do Brasil (UAB) e IF Goiano. e-mail: gabriela.alves@estudante.ifgoiano.edu.br

<sup>2</sup> Doutora em Química, área de Ensino de Química. e-mail: luciene.pereira@ifgoiano.edu.br

a leitura pode contribuir para a formação leitora do educando do Ensino Fundamental e, para tanto, mostrar quais são as contribuições didáticas do livro didático Itororó. Nesse sentido, postula-se a seguinte pergunta de pesquisa: como a leitura do livro didático Itororó Português pode contribuir para o desenvolvimento da leitura da nos anos iniciais do Ensino Fundamental?

As discussões em torno do processo de formação de leitores se apresentam como um debate importante, haja vista que vislumbram a compreensão acerca da leitura como uma prática que pode propiciar a aquisição de amplos conhecimentos e, dessa forma, o desenvolvimento do indivíduo. Nesse sentido, para além do processo de alfabetização, é preciso compreender os processos de leitura e escrita e, em consequência disso, as práticas de letramento.

## **1. Metodologia**

Este trabalho traz reflexões sobre o processo de alfabetização e o trabalho com a leitura na Educação Infantil por meio da análise do manual do professor de um livro didático. Trata-se de uma investigação de natureza básica e não interventiva, entretanto, reflexiva e teórica. Seu caráter é qualitativo com classificação exploratória e descritiva, pois será desenvolvida com base em materiais bibliográficos que tratam do tema. Além disso, a análise se dá tendo como referência um material bibliográfico, ou seja, o *corpus* foi recortado da obra “Itororó – Português 1º Ano – Manual do Professor” (JACINTHO, 2019).

A pesquisa qualitativa não tem como objetivo a busca por dados isolados, mas sim a compreensão e interpretação de resultados na amplitude do contextual ou situacional à qual estão inseridos. Em relação a isso, Alyrio (2009, p. 5) mostra que a pesquisa qualitativa “é o estudo de um objeto, buscando interpretá-lo em termos do seu significado. Nesse sentido, a análise considera mais a subjetividade do pesquisador”.

Desse modo, o presente artigo foi construído tendo como base a obra “Itororó – Português 1º Ano – Manual do Professor” (JACINTHO, 2019), porém para o embasamento da análise e dos conceitos apresentados, se fez necessário a revisão bibliográfica pautada em diversos argumentos teóricos.

Segundo Alyrio (2009), a pesquisa bibliográfica é caracterizada, sobretudo, levando em consideração a sua atividade básica, a saber “a investigação em material teórico sobre o assunto de interesse. Ela precede o reconhecimento do problema ou do questionamento que funcionará como

delimitador do tema de estudo”. A pesquisa bibliográfica se trata do primeiro passo para o início de uma investigação, ela é construída com base nas teorias e argumentos apresentados sobre o tema em questão, para tanto, são efetuadas pesquisas em livros, artigos científicos, periódicos, revistas científicas, sites, documentos etc. Nessa perspectiva, o referencial teórico apresentado neste trabalho, tem a finalidade de mostrar o embasamento teórico acerca leitura como estímulo à literatura.

## **2. REVISÃO TEÓRICA**

### **2.1 A literatura e a leitura**

Com a finalidade de apresentar uma compreensão mais aprofundada a respeito da leitura e sua contribuição para o desenvolvimento da criança no processo de alfabetização, se faz necessário elucidar acerca dos aspectos conceituais e históricos de como a leitura se apresenta na infância. Segundo Coelho (2000), a leitura se originou nos primórdios da civilização, no momento em que o homem percebeu a necessidade da busca pela compreensão dos sinais a partir da interpretação da leitura por meio de anotações de antepassados. Posteriormente, tais práticas foram aprimoradas a partir da escrita formal, que passou a se tornar mais sistematizada de modo que possibilitou que as informações fossem repassadas entre os membros de uma dada sociedade e de uma geração para outra. Nessa perspectiva, houve, de fato, a normatização das informações que passaram a ser disseminadas. “Por consequência das distâncias que os homens passaram a produzir no tempo, surgem as cartas e outros mecanismos escritos para se comunicarem” (COELHO, 2000, p. 2).

De acordo com Lopes e Navarro (2014), o início da leitura infantil se deu na Europa, no século XVIII, período marcado pela compreensão do desenvolvimento da criança, pois anteriormente a criança era vista como adulto em miniatura, porém a leitura passou por um processo de modificações visando contemplar as crianças, em que os contos clássicos e folclóricos tiveram algumas modificações.

Nesse sentido, vale destacar que a literatura infantil nasce a partir de algumas transformações sociais e tem suas origens na Europa. Apesar de já existir manuscritos destinados às crianças, como tratados de pedagogia, escritos pelos protestantes com fins religiosos, a literatura pedagógica, na cultura erudita e a literatura oral, de vertente popular, o francês Charles Perrault é

considerado o pioneiro da literatura infantil. No século XVII, Perrault coleta narrativas populares e lendas da Idade Média e adapta-as, atribuindo-lhes valores comportamentais da classe burguesa, constituindo os chamados contos de fadas (CADEMARTORI, 1986).

Segundo Cademartori (2010), a época em que Perrault coletou seus contos foi penosa e de grandes transformações e contradições sociais, momento após a Fronde, movimento popular de oposição ao governo absolutista do reinado de Luís XIV. A época também foi marcada pelo conflito entre Reforma e Contrarreforma e pela ascensão da burguesia como classe social, fato determinante para a consolidação de instituições como a família e a escola.

Se antes a criança era vista como um adulto em miniatura, sem condições especiais e sem uma preocupação específica com sua aprendizagem, a partir do fortalecimento da burguesia essas concepções começam a se modificar, e a criança passa, então, a ser considerada socialmente como um ser diferente do adulto.

A partir desse momento, a criança passa a ser considerada um ser com necessidades e características diferentes dos adultos e, principalmente, um ser que necessita de uma educação diferenciada para a vida adulta. Perrault coletava as narrativas populares e adaptava-as, tornando-as viáveis ao público infantil, acrescentando-lhes valores que correspondiam ao gosto da classe à qual era destinada, a burguesia. Essa coleta dos contos provinha de duas condições: o conto folclórico que na época era destinado aos adultos e que após a adaptação eram direcionados ao público infantil e o caráter de advertência, em que os personagens que desobedecessem a regras estabelecidas tivessem uma punição (CADEMARTORI, 2010).

Segundo Coelho (2000), no princípio, o trabalho de adaptação, por Perrault, não foi pensando com intenções de criar uma literatura destinada à criança. Apenas com a publicação dos Contos da Mãe Gansa (1697), é que Perrault se dedica inteiramente a uma literatura destinada à criança. A origem da literatura infantil também está ligada aos irmãos Jacob e Wilhelm Grimm, que, no século XIX, realizaram uma coleta de contos, na Alemanha, e transformaram em literatura infantil (CADEMARTORI, 2010).

No século XIX, em 1812, os irmãos Grimm lançaram, na Alemanha, uma coleção de contos de fadas, que se tornou sinônimo de literatura para crianças, em virtude da repercussão do sucesso. A partir de então, a literatura definiu sua linha de livros para crianças, tendo em vista as preferências e os tipos de histórias que agradam este público, elegendo as histórias fantásticas, as de aventuras e as de “apresentação do cotidiano da criança [...] procurando apresentar a vida diária como

motivadora de ação e interesse” (LAJOLO; ZILBERMAN, 2007, p. 21). Ainda, no século XIX, a literatura infantil europeia se concretiza, possuindo um perfil definido e representando uma parcela significativa da produção literária da sociedade burguesa e capitalista, garantindo assim sua permanência e seu fascínio.

No que diz respeito à leitura, de acordo com Martins (2003), se trata de algo básico em se tratando de um elemento que contribui significativamente para a formação intelectual e cultural do ser humano, atendendo a vários objetivos, como o despertar do senso crítico o que promove uma ampla percepção das várias leituras no âmbito intelectual e de mundo, possibilitando a análise da leitura no seu sentido mais amplo. Martins (2003) mostra que a leitura não acontece apenas com base nos signos linguísticos, ou seja, as palavras, mas existe também a leitura de mundo. Tanto no âmbito escolar quanto em outras esferas da sociedade, não pode considerar a leitura como o simples ato de decodificar letras e pronunciá-las em disjunção com a compreensão do que está sendo lido, mas sim, como um processo de produção de significados.

Ao falar em leitura do mundo faz-se referência à capacidade do indivíduo de compreender elementos essenciais para a vida social, “leitura é sempre produção de sentido” (GOULEMOT, 1996, p. 107). Nesse sentido, a leitura não se limita à capacidade de olhar para algo, no que diz respeito a uma criança, se refere ao despertar a imaginação promovendo a transformação cognitiva, evidenciando a compreensão referente à sensibilidade e à emoção.

Atualmente, o documento que orienta as práticas para a Educação Básica é a Base Nacional Curricular Comum, doravante BNCC (BRASIL, 2017) que destaca que a criança aguça a curiosidade referente à cultura escrita por meio de atividades como o ouvir e o acompanhamento da leitura de textos, ao observar textos que fazem parte do seu ambiente familiar, escolar e demais meios sociais. Assim, a vivência com os contatos com a leitura contribui para o desenvolvimento da concepção da língua escrita, tornando a criança capaz de perceber as diferentes formas sociais da escrita.

De acordo com a BNCC, o contato com histórias, contos, fábulas, poemas, cordéis etc. propicia a familiaridade com livros, de diferentes gêneros textuais e literários. Além disso, é importante destacar que a criança aprende também a fazer a diferenciação entre ilustrações e escrita, assim como a aprendizagem da direção da escrita e as formas corretas de manipulação de livros (BRASIL, 2017). Nesse sentido, é importante destacar que tais habilidades precisam ser desenvolvidas nas salas da Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, pois são

exemplos norteadores para que o espaço escolar promova a leitura para os educandos que estão no início da sua vida escolar.

## **2.2 Contribuições da leitura para a linguagens e a formação na infância**

O contato com o universo da leitura pode proporcionar o desenvolvimento de inúmeras habilidades da criança, pois passa a despertar a imaginação. Nesse sentido, é fundamental o estímulo por parte dos profissionais envolvidos. Cademartori (1986 p. 19) pontua que “se, adquirindo o hábito da leitura, a criança passa a escrever melhor e a dispor de um repertório mais amplo de informações”. Desse modo, verifica-se o efeito da literatura de forma pertinente à formação do hábito de leitura.

O primeiro registro dessa literatura no Brasil se deu por Monteiro Lobato em 1920 por meio da obra *A menina do narizinho arrebitado*. Se caracterizando como revolução na literatura infantil (TOIGO, 2019). No que se refere ao reconhecimento da “Literatura infantil” no Brasil a mesma foi criada em 1947, após a instauração do regime político denominado Estado Novo que se deu no ano de 1937 (OLIVEIRA, 2014). Isso se deu junto às mudanças inerentes ao governo visando o atendimento de urgências e necessidades daquele momento. No que se refere ao aspecto educacional, esse período marcou algumas reformas com o nome de “Leis Orgânicas do Ensino” que foram promulgadas em 1942.

Algumas literaturas para o público infantil são bastante conhecidas e usadas nas escolas e CMEIS como obras de Monteiro Lobato e Ruth Rocha. Se tratam de obras com ilustrações convidativas que podem despertar o interesse das crianças pelo hábito da leitura. De acordo com Palo e Oliveira (1986), a Contação de histórias para crianças se trata de uma representação simbólica pelo ato da linguagem.

A literatura infantil se trata de uma leitura mais específica para a criança, pois a linguagem é apropriada a esse público, sobretudo, pelo uso de imagens. Segundo Lajolo (2004, p. 13), as ilustrações nos livros infantis são necessárias para esse público. Zilberman (1998, p. 21) mostra que as obras infantis apresentam um mundo encantador, de modo que criança seja capaz de fantasiar várias coisas com os conteúdos da obra.

Observa-se a importância de as instituições escolares se dedicarem ao incentivo à leitura por meio da contação de história, especialmente, pelo fato que, infelizmente, tal prática não se faz presente na realidade de muitas famílias brasileiras.

Santos e Miguel (2020) mostram que

muitas crianças não têm acesso a leitura em sua vida familiar, por ser uma questão um tanto cultural. Algumas famílias ainda acreditam que esse papel pertence à escola e, sendo assim, a preocupação em incentivar a leitura, fica sob a responsabilidade da escola. Na Educação Infantil também é assim, a maioria das crianças ao se deparar com os livros de literatura, infelizmente, rasgam ou não demonstram interesse (SANTOS e MIGUEL 2020, p. 6).

É fundamental o papel transformador da escola nesse processo, especialmente, ao considerar que a criança da Educação Infantil se trata de sujeitos em desenvolvimento. O trabalho com a leitura não se limita ao simples fato de contar histórias, mas de um processo que se constrói gradativamente que requer estar atento às reais necessidades da criança.

As ações metodológicas envolvendo práticas de contato com o livro pode ser significativo para o despertar do interesse pela leitura.

A criança precisa folhear o livro, ver as cores, tocar as páginas, perceber o cheiro, mudar as páginas e entender a sequência de uma história. Entendemos que assim, pequeno leitor pode elaborar suas hipóteses sobre o enredo literário e sobre a leitura com maior autonomia, na educação infantil (ANJOS e VIEIRA 2015, p. 319)

Compreende-se a importância do hábito da leitura para que a Literatura Infantil seja apreciada e passe a ser respeitada e considerada como arte, sem pretextos para sua utilização como fonte didático-pedagógica.

Em relação à leitura para o público infanto-juvenil Faria, (2004, p 11), faz uma crítica, afirmando que essa literatura não tem sido considerada como literária. A autora define os textos literários como “polissêmicos” haja vista que desperta reações no o leitor, possibilitando o mesmo a desenvolver diversas reações no momento de uma leitura.

Em se tratando do espaço escolar, surge a necessidade da aproximação da prática pedagógica e o gênero literário, em prol da formação de uma mente voltada à formação de leitores. Segundo Abramovich (1997, p. 140), as escolas devem possuir uma biblioteca, um lugar escolar ao qual que se atribui um estatuto simbólico que constrói uma relação escolar com o livro. A leitura

tem muito a contribuir para o desenvolvimento social da criança, a partir das trocas de palavras que pode ser dar a partir de uma leitura realizada ou escutada.

A prática pedagógica é essencial para o processo de leitura. De acordo com Ribas (2000, p. 62),

a prática pedagógica só se aperfeiçoa, por quem a realiza, a partir de sua história de vida e saberes de referência, das experiências e aspirações” e que “é na prática e na reflexão sobre ela que o professor consolida ou revê ações, encontra novas bases e descobre novos conhecimentos.

É necessário que a prática do professor seja refletida no processo de incentivo à leitura. Nessa perspectiva, os pontos relevantes com o fato de trabalhar a leitura nas séries iniciais do Ensino Fundamental estão na sua contribuição com o processo de alfabetização e letramento, além do preparo para o desenvolvimento do prazer pela leitura.

De acordo com os PCNs (BRASIL, 1997, p. 43),

é preciso superar algumas concepções sobre o aprendizado inicial da leitura. A principal delas é a de que ler é simplesmente decodificar, converter letras em sons, sendo a compreensão consequência natural dessa ação. Por conta desta concepção equivocada a escola vem produzindo grande quantidade de “leitores” capazes de decodificar qualquer texto, mas com enormes dificuldades para compreender o que tentam ler.

O gosto pela leitura pode oportunizar ao aluno amplas possibilidades de desenvolvimento para melhor entender e se comunicar com o mundo em sua volta. Assim, a prática de leitura não se limita ao objetivo de conseguir o que se espera na escola, mas pelo desenvolvimento da habilidade da leitura de mundo e da vida.

## **2.2 O livro didático**

O homem sempre sentiu necessidade de guardar e registrar sua história e aquilo que conquistou ao longo dos tempos. Esse comportamento fez com que, ao decorrer de vários séculos, houvesse um grande volume de registros humanos por meio dos mais variados instrumentos.

Os homens primitivos eternizaram seu cotidiano por meio das pinturas rupestres, mas a escrita em si surgiu por volta de cinco mil anos atrás. Os sumérios produziram seus primeiros objetos de registro, a partir do barro, na forma de pequenas lajotas. Tais objetos podem ser comparados ao que compreendemos hoje como livros. Pouco tempo depois, os egípcios escreveram no papiro e os astecas e maias fizeram seus registros usando a entrecasca das árvores. Com o passar

do tempo, os materiais usados para o registro escrito foi evoluindo, como destacado por Araújo (2012 apud MICHEL, 2018, p. 1):

Durante a antiguidade, a primeira forma encontrada para gravar o conhecimento foi escrevendo-o em pedra ou tábuas de argila. Após algum tempo, surgiram os *khartés*, que eram cilindros de folhas de papiro fáceis de transportar. A inovação seguinte foi o pergaminho, que em pouco tempo substituiu o papiro. O pergaminho era feito com peles de animais (ovelha, cordeiro, carneiro, cabra) e nele era possível escrever com maior facilidade.

Os livros como estamos acostumados a ver hoje, com páginas costuradas e capa, começaram a surgir em Roma, há mais ou menos dois mil atrás. A diferença para os livros da atualidade é que eles eram feitos de madeira encerada, e por serem muito pesados não excediam 10 páginas. Eles eram usados como rascunho, e quando o texto era finalizado passavam a limpo sobre papiros. Como pode ser confirmado por Katzenstein (1986, p. 11)

Os primeiros suportes utilizados para a escrita foram tabuletas de argila ou de pedra. A seguir veio o *khartés* (*volumen* para os romanos, forma pela qual ficou mais conhecido), que consistia em um cilindro de papiro, facilmente transportado. O "volumen" era desenrolado conforme ia sendo lido, e o texto era escrito em colunas na maioria das vezes (e não no sentido do eixo cilíndrico, como se acredita). Algumas vezes um mesmo cilindro continha várias obras, sendo chamado então de *tomo*. O comprimento total de um "volumen" era de 6 ou 7 metros, e quando enrolado seu diâmetro chegava a 6 centímetros.

Foi em 1440 que Gutenberg inventou a prensa e os tipos móveis, o que viabilizou e revolucionou a história da produção dos livros, que passaram a ser impressos e não mais manuscritos. Com a popularização do livro, ele ganhou força no mundo inteiro, podendo ser considerado nos dias de hoje como uma das formas mais importantes de acesso ao conhecimento. Em meio a essa disseminação do livro, o mesmo alcançou os espaços escolares como ferramenta de apoio à educação.

Se os livros impressos surgiram a partir do século XV. Aqueles voltados para o ambiente educacional e por isso denominados didáticos demoraram um pouco mais para aparecer segundo uma parte da crítica. No princípio, no século XIX, esse material era restrito à elite e tinha objetivos bem definidos: a formação religiosa.

No século XIX, o livro didático surgiu como um adicional à Bíblia, até então, o único livro aceito pelas comunidades e usado nas escolas. Somente por volta de 1847, os livros didáticos passaram a assumir um papel de grande importância na aprendizagem e na política educacional. Os primeiros livros didáticos, escritos sobretudo para os alunos das

escolas de elite, procuram complementar os ensinamentos não disponíveis nos Livros Sagrados. (OLIVEIRA et al, 1997, p. 26 *apud* MICHEL, 2018, p. 2).

Conforme se percebe no fragmento anterior, a importância de tais objetos deu-se muito mais por seu caráter utilitarista – a complementação dos ensinamentos bíblicos – que a transmissão de conhecimentos e a formação cultural dos seres humanos, conforme se apregoa hoje em dia. É claro que a função política do livro didático já era percebida em seu surgimento e se mantém até os dias de hoje, razão pela qual há várias discussões sobre seu uso e utilidade na sociedade contemporânea.

Outra teoria bastante interessante sobre o surgimento dos livros didáticos é aquela que afirma sua existência bem antes do século XV. Segundo esses estudiosos, a origem do livro didático

está na cultura escolar, mesmo antes da invenção da imprensa no final do século XV. Na época em que os livros eram raros, os próprios estudantes universitários europeus produziam seus cadernos de textos. Com a imprensa, os livros tornaram-se os primeiros produtos feitos em série e, ao longo do tempo a concepção do livro como “fiel depositário das verdades científicas universais” foi se solidificando (GATTI JÚNIOR, 2004, p.36 *apud* MICHEL, 2018, p. 02).

A origem ao processo de solidificação, o livro didático foi deixando seu caráter religioso e assumindo a função de depositário e transmissor das descobertas científicas. Primeiro dentro das universidades, depois nas escolas, esse objeto serviu de instrumento de propagação de ideias habilmente selecionadas e cuidadosamente ofertado ao seu público-alvo. Esse processo de adaptação de conteúdos sofreria mudanças profundas quando pensamos na educação fora do ambiente europeu.

Enquanto há vestígios do uso de livros didáticos ou escritos que se assemelham a eles no início da Idade Moderna, em terras brasileiras, apenas no século XX temos registros de sua utilização no contexto escolar. Em 1929, com a fundação do INL – Instituto Nacional do Livro, houve o início de uma política de produção e validação do livro didático nacional. É importante destacar que tal material, antes de ser utilizado por uma parcela da sociedade, precisava ser validado, ou seja, o processo de censura de informações já se mostrava presente em sua origem em nosso país.

Tal fato ficou evidente a partir de 1938 quando a liberdade na produção do livro didático sofreu um golpe. Naquela época, o então Ministro da Educação e Saúde, Gustavo Capanema sugeriu a criação de um decreto-lei que controlaria a elaboração do livro didático e,

dessa forma, o governo exerceria o controle direto das informações que poderiam circular nas escolas brasileiras.

O ministro do Ministério Educação e Saúde, Gustavo Capanema, durante o Estado Novo brasileiro, sugeriu a Getúlio Vargas a criação de decreto-lei para fiscalizar a elaboração dos livros didáticos[sic]. A comissão foi criada em 1938 e ‘estabelecia que, a partir de 1º de janeiro de 1940, nenhum livro didático poderia ser adotado no ensino das escolas pré-primárias, primárias, normais, profissionais, e secundárias no país sem a autorização prévia do Ministério da Educação e Saúde’ (FERREIRA, 2008: 38 *apud* MICHEL, 2018, p. 02).

Nos anos 60 do século XX, após a implantação do Regime Militar por meio de um golpe de Estado no Brasil em 1964, a educação sofreu talvez o maior abalo de sua história, pois, chegava aos currículos escolares os “ideais da doutrina de segurança nacional, e a intervenção do estado nos assuntos sobre o livro didático passam a ser muito maior”. (MICHEL, 2018, p. 2). Se na Europa, tal material visava difundir a cultura e as ciências, visando libertar consciências e reestruturar aspectos da sociedade, no Brasil, o cenário foi bem outro: aqui, o livro didático passou a servir como instrumento de dominação e controle. Financiado pelo capital americano, a ex-colônia de Portugal iniciava sua trajetória como neocolônia da potência capitalista. Assim, surgia a COLTED.

Em 1966, sob a égide da ditadura militar foi criada a Comissão do Livro Técnico e Livro Didático (COLTED), cuja função era coordenar a produção, edição e distribuição do livro didático. Para assegurar recursos governamentais, contou-se com o financiamento proveniente do acordo MEC – USAID (United States Agency for International Development). O aporte de recursos públicos garantiu a continuidade do livro didático que, a partir de então, ocupou lugar relevante nas preocupações do Estado brasileiro que, mais uma vez, pretendia ter o controle sobre o que e como se ensinava. (BEZERRA e LUCA, 2006, p. 30 *apud* MICHEL, 2018, p. 3)

Apesar de já existir em nosso país, o livro didático não era distribuído em tão larga escala quanto hoje em dia. Esse processo só teve início após esse financiamento estrangeiro com vistas a cumprir um projeto político de dominação de massas. Nesse ponto, iniciou-se a distribuição maciça dos livros didáticos, uma vez que o interesse era propagar as ideias e cercear a liberdade de pensamento o mais rápido possível como ocorrera antes em todos os regimes ditatoriais de que se tem notícia no Ocidente. A diferença na América Latina é que as forças de repressão aqui agiam de maneira bem mais vigorosa e controladora.

Atualmente, além do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), o governo federal criou outros dois programas sobre o livro didático: o PNLEM – Programa Nacional do Livro

Didático para o Ensino Médio criado em 2004 e o PNLA – Programa Nacional do Livro Didático para Alfabetização de Jovens e Adultos, em 2007.

Para que os livros cheguem às escolas, eles passam por uma sequência burocrática, já pré-estabelecida: após escritos, vão para a editora para serem revisados e só assim serem impressos. Para chegar à sala de aula, eles devem ser inscritos no edital público, onde uma comissão de professores escolhidos pelo MEC – Ministério da Educação, os analisará buscando “possíveis erros conceituais, de redação e de conteúdo” (MICHEL, 2018, p. 4).

De sua origem ou adoção em nosso país até hoje, o que se nota em relação a esse material é que continua sendo veículo para difusão de valores e preceitos do Estado que envolvem políticas de exclusão e controle de informações. Todavia, como nosso objetivo neste trabalho não é proceder a uma análise pormenorizada da questão, voltaremos a partir de agora nosso olhar para o aspecto prático da questão: a utilização desse material em nossas escolas nos dias atuais.

### **Estratégia de leitura**

De acordo com Freire (1991) a leitura precisa ter uma profundidade em relação ao texto, e não apenas a decodificação de palavras, é necessário que o educador se preocupe em trabalhar a significação dos textos propostos aos educandos.

Freire (1991) argumenta que a leitura de mundo é precedente a leitura de palavra, nesse sentido verifica se a necessidade de se promover atividades que estimulem o educando a compreensão e achar significados nas propostas de leitura de forma dinamizada sem forçar a decoração de códigos, visando que o mesmo venha desenvolver habilidades em relação a leitura sem a cobrança excessiva de maneira cansativa.

De acordo com Lajolo e Zilberman (1999, p. 14) “ser leitor, papel que, enquanto pessoa física, exercemos, é função social, para a qual se canalizam ações individuais, esforços coletivos e necessidades econômicas”. Partindo desse argumento, é possível notar que trabalhar a leitura pode contribuir de modo significativo para o desenvolvimento de maneira ampla considerando suas diversas funções.

Nesse viés é fundamental que a estratégia de leitura ocorra de maneira prazerosa, é importante oferecer a criança condições significativas por meio da leitura, pois, leitura literária pode converter-se numa prática de instauração de significados” (LAJOLO, 2005, p. 96-7).

É importante oferecer meios que promovam o olhar libertador da criança, de modo que sejam capazes de compreender, conhecer e refletir sobre o novo “a leitura crítica é condição para a educação libertadora, é condição para a verdadeira ação cultural que deve ser implementada nas escolas” (SILVA, 2005, p. 79). Nesse sentido é importante destacar que o papel da leitura deve ser o de transformar, promover olhar apurado munido de criticidade. Nesse argumento, ressalta-se que tal olhar pode ser bem desenvolvido, desde que seja bem trabalhado desde os primeiros anos da educação básica.

### **3 Análise do livro Itororó – Português**

O livro didático Itororó – Português Manual do Professor é destinada à turma do 1º Ano do Ensino Fundamental, de modo que é voltado à alfabetização, de modo geral o manual traz o conceito de leitura de diversos âmbitos, discorre sobre a leitura como a identificação dos códigos de maneira sistematizada, entretanto, destaca a necessidade da leitura prazerosa a partir de obras literárias.

Os conteúdos que compõem o livro são bastantes dinâmicos com cores e histórias com bastante uso de imagens conforme a figura apresentada a seguir:

Figura 1: imagem de uma página do Manual do Professor Itororó - Português

■ Para ler

**Habilidade**

(EF15LP01) Identificar a função social de textos que circulam em campos da vida social dos quais participa cotidianamente (a casa, a rua, a comunidade, a escola) e nas mídias impressa, de massa e digital, reconhecendo para que foram produzidos, onde circulam, quem os produziu e a quem se destinam.

Antes de iniciar a leitura do texto, converse com os alunos sobre a cantiga "A canoa virou". Estimule-os a cantá-la todos juntos. Depois, questione-os: *Vocês brincam com essa cantiga? Como vocês brincam quando a cantam? É possível brincar sozinho ou são necessárias mais pessoas?* Escute a opinião do maior número possível de alunos e comente que em diferentes lugares essa cantiga é usada para as crianças brincarem de roda. Explique-lhes que, para brincar, os participantes formam uma roda e ficam de mãos dadas. Enquanto giram, começam a cantar. O nome de um dos participantes por vez é escolhido para completar a letra da cantiga. Ao ouvir seu nome, essa pessoa deve soltar as mãos de seus parceiros, virar-se de costas para o centro da roda e somente então dar as mãos novamente a seus vizinhos. O grupo recomeça a cantar e a cada vez chama um colega, até que todos estejam de costas. Nesse momento, recomeça-se a cantoria, só que, dessa vez, a pessoa cujo nome for cantado deve voltar à posição original. A brincadeira termina quando todos estiverem novamente de frente para o centro da roda.

36

**PARA LER**

**ANTES DE LER**

VOCE VAI LER UMA CANTIGA.  
**A) VOCÊ CONHECE A CANTIGA A CANOA VIROU?**  
**B) JÁ BRINCOU COM ESSA CANTIGA?**

Peça aos alunos que escrevam o nome de um colega nos espaços indicados.

**A CANOA VIROU**

A CANOA VIROU,  
 POR DEIXÁ-LA VIRAR.  
 FOI POR CAUSA DE \_\_\_\_\_  
 QUE NÃO SOUBE REMAR.

SE EU FOSSE UM PEIXINHO  
 E SOUBESSE NADAR,  
 TIRAVA \_\_\_\_\_  
 DO FUNDO DO MAR.

MAS EU NÃO SOU PEIXINHO  
 NEM SEI MERGULHAR...  
 COITADO DE \_\_\_\_\_  
 FICA DENTRO DO MAR!

DA TRADIÇÃO POPULAR.



36

Fonte: Itororó (2019): Português: Manual do

A partir da figura acima verifica-se que a proposta de atividade para o aluno é convidativa aos alunos do 1º Ano do Ensino Fundamental. Pode-se destacar que as orientações são bastante precisas e regulamentadas.

Figura 2: capa de apresentação



Fonte: Fonte: Itororó Português (2019, p. 3)

Esta imagem é bastante colorida e mostra crianças com semblantes de alegria. O cenário apresentado está ligado a uma frase estimuladora “Seja bem-vindo ao 1º Ano”. É importante que as propostas de leituras para os alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental sejam atrativas para promover a curiosidade e interesse do educando. Nesse sentido, pode-se destacar que o livro começa com o incentivo à leitura ao que o livro propicia o contato com um “um mundo de novos conhecimentos e de boas leituras” que se abrem para os alunos a partir da leitura. E, a partir daí, convida os pequenos leitores a “começarem a alegre aventura”, mostrando assim, que a leitura é algo alegre e prazeroso, comparando-se a uma aventura.

No Manual do professor Itororó Português são disponibilizadas algumas sugestões para o momento de apreciação da literatura, como por exemplo, sempre disponibilizar um momento de leitura, fazer a leitura junto com a turma tanto quando eles apenas ouvem, como quando eles já conseguem acompanhar a leitura. Uma sugestão bastante pertinente é a prática de conversar com os alunos considerando-os como leitores e, dessa forma, respeitando as suas preferências e escolhas.

Ao analisar tais considerações, pode-se notar que a autora do livro se preocupou com diversos elementos ligados à importância do desenvolvimento da leitura por parte das crianças do 1º Ano do Ensino Fundamental. Nesse sentido, no que diz respeito às contribuições da leitura para a linguagens e a formação na infância, a obra apresenta uma riqueza de textos convidativos com atividades e texto criativos valorizando os estímulos necessários para o desenvolvimento da infância.

Em relação ao papel do professor e sua didática, a obra apresenta diversas sugestões são propostas ao professor, como por exemplo, trabalhar os temas e as atividades propostas além de trazer informações e conhecimentos importantes estimulando o trabalho com a leitura. O livro didático Itororó Português está contemplando os pontos relevantes que foram colocados neste estudo de modo que propõe ao aluno alternativas criativas como opção de trabalho com a leitura, embora essa tarefa é mais complexa e não pode ser limitada apenas a uma obra o que requer do professor iniciativa e criatividade.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Sabe-se que a literatura possibilita o encontro do homem com a cultura e se tratando do leitor infantil, com o prazer, a fantasia e com a realidade que o cerca. Além de propiciar-lhe uma leitura ampla e crítica dos valores sociais existentes na sociedade, contribui para a formação de um sujeito-leitor, crítico-reflexivo e ativo em suas decisões sociais enquanto participante da sociedade. Portanto, repensar a formação e o papel do professor em sala torna-se uma das questões fundamentais para uma prática pedagógica eficiente.

Conforme vimos neste trabalho, a literatura infantil serve como instrumento precioso para a formação discente e os livros didáticos têm se aprimorado, em certo sentido, desde seu surgimento. De objetos obrigatórios e guias para a formação escolar, tais obras passaram ou

deveriam ter passado a representar fontes úteis para o ensino e formação discente. Fontes essas que, apesar de valiosas, devem ser analisadas com o devido cuidado justamente para que se possa selecionar quando serão utilizadas e de forma. Entretanto, se um professor utilizar o livro aqui analisado na perspectiva mais tradicional, pode incorrer em um erro metodológico e didático, isso se deixar de explorar aspectos relevantes e necessários à formação leitora de seus alunos que vão para além dos conteúdos voltados ao sistema linguístico.

De um modo geral, podemos dizer que a escolha de alguns textos poderia ter priorizado temáticas mais próximas à realidade das crianças. Entretanto, podemos destacar que o livro traz textos com ilustrações e estímulos – por meio de atividades – a leitura de imagens.

Assim, esperamos que este trabalho sirva como fonte de discussão do fazer docente, do ensino de literatura infantil e do trabalho com o livro didático em sala de aula na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental. É nossa intenção apontar a importância do trabalho com textos de variados gêneros textuais como elemento responsável por essa sensibilização de nossas crianças na esperança de um mundo mais humano, criado a partir desses pequenos leitores que se transformam nos futuros educadores formais ou informais de nossa nação.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997.
- ALYRIO, Rovigati Danilo. **Métodos e técnicas de pesquisa em administração**. Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2009. Disponível em: <http://www.faculdaderaiizes.edu.br/files/images/M%C3%89TODOS%20E%20T%C3%89CNICAS%20DE%20PESQUISA.pdf>. Acesso em agosto de 2022.
- ANJOS, Ana Maura Tavares dos e VIEIRA Hamilton Perninck. **Formação docente e literatura infantil: contribuições para o desenvolvimento de leitores na educação infantil**. Nuances: estudos sobre Educação, Presidente Prudente-SP, v. 26, n. 3, p. 303-322, set./dez. 2015.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Parâmetros curriculares Nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC/SEF, 2017.
- CADEMARTORI, Lígia. **O que é literatura infantil**. 4.ed. São Paulo.: Brasiliense, 1986.
- CADEMARTORI, Lígia. **O que é literatura infantil**. São Paulo: Brasiliense, 2010. Coleção Primeiros Passos.

- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil**: teoria, análise, didática. São Paulo: Moderna, 2000.
- FARIA, Maria Alice. **Como usar a literatura infantil na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2004.
- FREIRE, Paulo. A Importância do Ato de Ler - em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez Editora & Autores Associados, 1991. (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo, v 4)- 80 páginas.
- GOULEMOT, J. M. **Da leitura como produção de sentido**. In: CHARTIER, R. Práticas de leitura. Tradução Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.
- KATZENSTEIN, Ursula. **A origem do livro**: da idade da pedra ao advento da impressão tipográfica no ocidente. São Paulo: HUCITEC, 1986.
- LAJOLO, Marisa. **No mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo, SP. Ática, 2004.
- LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1999.
- LOPES, C. L.; NAVARRO, E. C. A importância da literatura na educação infantil para a formação de leitores letrados. **Interdisciplinar: Revista Eletrônica da UNIVAR**. v. 1, n. 11, p. 15-19. Araguaia, 2014. Acesso em 23 abr. 2022.
- JACINTHO, Mônica Franco. **Itororó**: Português – Manual do Professor. 2 edição: São Paulo, Moderna 2019.
- LAJOLO, Marisa.; ZILBERMAN, Regina. **Literatura Infantil Brasileira**: História e História. 6. ed. Série Fundamentos. São Paulo: Editora Ática, 2007.
- MARTINS, Maria Helena. **O que é Leitura**. São Paulo: Brasiliense, 2003.
- MICHEL, Fernanda Vach. **A origem do livro didático**. [S. l.]: Brasil Escola, 2018. Disponível em: <https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/pedagogia/a-origem-livro-didatico.htm>. Acesso em: 22 jul. 2022.
- PALO, Maria José; OLIVEIRA, M. Rosa. **Literatura infantil**. Voz de criança, São Paulo, Atica, 1986.
- RIBAS, Mariná Holzmann. Construindo a competência: processo de formação de professores. São Paulo: Olho d'Água, 2000.
- SANTOS, Nauva Aguiar da Silva. MIGUEL, Gilvone Furtado. **PRÁTICA DE MOMENTOS LITERÁRIOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL**. Avanços & Olhares, Nº 5, Barra do Garças – MT SETEMBRO 17, 2020. Disponível em: <https://revista.institutoesa.com/tag/contacao-de-historias/>.

SILVA, Ezequiel Theodoro Da. O ato de ler: Fundamentos Psicológicos Para Uma Nova Pedagogia da Leitura. São Paulo, Cortez, 2005.

TOIGO. Renata. **O percurso da formação da leitura e literatura infantil no Brasil**: uma nova perspectiva a partir de Monteiro Lobato. Revista de Letras Juçara, v. 3, n. 1, p. 175-193, 15 ago. 2019.

ZILBERMAN, Regina. **“A Literatura Infantil na escola”**. 10ª Edição - São Paulo: Global, 1998.  
\_\_\_\_\_. Regina e SILVA, Ezequiel Theodoro da (Orgs). Leitura – perspectivas interdisciplinares. São Paulo: Ática, 2005.